

Guerra Híbrida, “*Gibridnaya Voyna*”? Diferenças nos Contornos Conceituais Russos e Ocidentais

Tássio Franchi

Exército Brasileiro. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Instituto Meira Mattos. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3434-5560>

João Freire Junior

Exército Brasileiro. Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, RJ, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5068-0751>

Arlindo José de Barros Junior

Exército Brasileiro. Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, RJ, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0625-6835>

Revista Agulhas Negras
ISSN on-line 2595-1084

<http://www.ebrevistas.eb.mil.br/aman>



<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

As revistas ligadas às ciências militares, como a Revista Agulhas Negras, a Coleção Meira Matos, a Defesa Nacional, a Doutrina Militar Terrestre, e tantas outras revistas que podem ser encontradas no portal do EB revistas, têm um papel imprescindível para os assuntos sobre Defesa e seus estudiosos nos meios civil e militar.

Do ponto de vista da Defesa sua importância é patente, sendo um espaço que possibilita a apresentação de resultados de pesquisas; a discussão de atualizações doutrinárias; o debate de estratégias, táticas, técnicas, novos equipamentos e outros temas. Tal contexto permite que alunos e egressos das escolas militares tenham contato com temas e assuntos afetos à área das ciências militares. Para a sociedade em geral, as revistas do Exército Brasileiro são um espaço onde pesquisadores e cidadãos interessados podem travar o contato e aprender sobre diversos temas importantes para a Defesa Nacional. As revistas são também instrumentos na comunicação estratégica do Exército (Nunes, 2019). O fortalecimento destes periódicos como um canal de comunicação e diálogo com a sociedade é importante para a sociedade e para a Força (Franchi, 2021).

Para discutir a Defesa Nacional no mais alto nível político estratégico é necessário ter como alinhamento, as capacidades disponíveis, planejadas e desejáveis das nossas Forças Armadas, e em outras expressões do poder nacional (político, econômico, societal, tecnológico e outros). Porém, aqui, cabe pensar a expressão militar do poder nacional, materializado pelas Forças Armadas, que foram, são e serão sempre fator necessário na garantia da soberania e dos interesses nacionais. Nos países com conflitos deflagrados, ou com tensões fronteiriças latentes, o papel do poder militar como



um dos instrumentos da política nacional é claro, como já apontava o General Carl Von Clausewitz no século XIX, ao dizer que a guerra era a política por outros meios (2010). Em contrapartida, em países como o Brasil, que não vivem conflitos deflagrados nas últimas décadas, o poder militar é importante na manutenção da integridade territorial, na projeção de poder de forma pacífica (missões de paz e de ajuda humanitária) e em manter um nível adequado de dissuasão internacional.

De além-mar, vem o exemplo da importância em manter Forças Armadas aprestadas e capazes. Recentemente, a guerra na Ucrânia voltou a chamar a atenção do mundo para esse fenômeno da guerra e o papel preponderante das forças armadas, coordenadas com outras expressões do poder nacional. A Rússia, para citar outro exemplo, se utiliza de seus aparatos bélicos, de sua economia, diplomacia e de seus meios de comunicação para atingir seus objetivos nacionais. Do outro lado, a Ucrânia também mobiliza todos os esforços para deter o avanço das tropas russas, fazendo isso com amplo apoio dos países da Aliança do Atlântico Norte (OTAN).

Nesse sentido, por vezes, tem-se discutido sobre guerra híbrida para se referir a uma parte das estratégias russas na guerra em curso na Ucrânia. De fato, é possível observar desde o uso clássico das forças convencionais, com a combinação das armas avançando em diferentes frentes, conquistando terreno e objetivos estratégicos, até o uso da chamada “guerra de informação”, com ambos os lados usando as mídias; ou da denominada guerra econômica, com sanções e ameaças de cortes de fornecimentos de ativos estratégicos. Isso tudo vai do convencional ao não convencional e que, muitas vezes, é associado a uma guerra híbrida. Mas será que os leitores não familiarizados com os estudos de estratégia e da teoria da guerra realmente compreendem o que quer dizer o termo?

De início, é importante dizer três coisas. Primeiro, o termo “guerra híbrida” surgiu e popularizou-se no século XXI, embora os elementos que compõem esse tipo de guerra não sejam em nada novos na história conflitiva da humanidade. Segundo ponto, americanos, russos e europeus têm entendimentos diferentes sobre o que vem a ser essa “guerra híbrida”. E, finalmente, é um conceito contestado por estudiosos da guerra, que veem suas características em outras tentativas de sistematização e categorização de conflitos. Em suma, podemos admitir que é um conceito em construção/consolidação, que segue sendo atualizado à luz de eventos contemporâneos como a atual guerra da Ucrânia-Rússia.

O termo foi, inicialmente, cunhado nos EUA para tentar explicar as características que estavam sendo observadas nos conflitos após o fim da Guerra Fria e do 11/09. Para os primeiros teóricos americanos, a Guerra Híbrida incorporava diferentes elementos – operações convencionais com exércitos estatais; grupos de comandos ou guerrilheiros com táticas regulares e irregulares de combate; atentados terroristas, violência e coerção; estímulo a crimes e desordens internas; guerra de informação – para enfraquecer o inimigo e atingir os objetivos políticos desejados.



Em 2010, a OTAN buscou conceitualizar as “ameaças híbridas” para poder pensar em estratégias e táticas úteis ao se envolverem nos conflitos da zona cinza do século XXI, as guerras híbridas. Para a OTAN, as principais características deste fenômeno são o uso simultâneo de meios militares convencionais e não-convencionais, conjugados com meios não-militares - como econômicos, políticos/diplomáticos, cibernéticos e legais. A guerra híbrida seria a ponte entre o *hard* e o *soft power* (Nye, 2012) – entre os meios militares convencionais e a diplomacia – buscando minimizar os custos e riscos ao mesmo tempo que desestabilizavam de forma desigual o adversário.

Para os russos o foco da “*Gibridnaya Voyna*” (guerra híbrida) é minar o poder político e a legitimidade de seus adversários de dentro para fora, criando instabilidades que levem ao colapso do governo, ou justifiquem perante a comunidade internacional uma ação militar, cujo objetivo é a troca de lideranças - que coloca no lugar, um governo pró-Moscou. Desta forma, a *Gibridnaya Voyna* envolve aspectos ligados não apenas à expressão militar mas também a valores, cultura, economia, política e à própria imagem pública dos governos/governantes perante o sistema internacional. Os meios para realizá-la envolvem militares e não-militares que o Estado possua e que sejam úteis para atingir seus objetivos, *i.e.*, híbridos.

Assim, percebem-se aspectos comuns a ambos os países na guerra da Ucrânia, que é o emprego de meios militares irregulares para desestabilização interna. Sendo que a OTAN e a Rússia entendem que os meios não-militares são instrumentos importantes para atingir os objetivos de suas nações, e que devem ser utilizados em conjunto com meios militares (regulares ou não).

Exercícios intelectuais de definição ou classificação das guerras existem há décadas nas ciências militares, e guardam a relação com o pensar sobre quais as capacidades futuras serão necessárias para lutar as próximas guerras. Lembrando de observar as realidades nacionais e conhecendo nossas capacidades de forma ampla. A Revista Agulhas Negras tem essa função de ofertar ao público a possibilidade de compreender o nosso Exército Brasileiro e a realidade na qual ele está inserido.



Referências

NUNES, R. F. A Comunicação Estratégica do Exército e a Dimensão Informacional. **Coleção Meira Mattos: revista das ciências militares**, v. 13, n. 48, p. v-xi, 8 nov. 2019. DOI: <https://doi.org/10.22491/cmm.a013>. Acesso em: 05 JUL 2022.

FRANCHI, T. A necessidade do fortalecimento dos periódicos científicos da área de Defesa. **Coleção Meira Mattos: revista das ciências militares**, v. 15, n. 52, p. v-vii, 14 jan. 2021. Disponível em: <http://ebrevistas.eb.mil.br/RMM/article/view/6891>. Acesso em 04 JUL 2022.

CLAUSEWITZ, Carl von. **Da guerra**. Martins Fontes, 2010. Pág 27.

NYE JR, Joseph S. **Smart power**. Gius. Laterza & Figli Spa, 2012.